

Tatuagem e religião – A tatuagem como expressão de fé entre os cristãos coptas

Juvan Vieira da Silva
Universidade Nove de Julho
juvanvieira1@gmail.com

Resumo

Este artigo procura fazer uma análise sobre a prática da tatuagem, buscando um contexto sob a perspectiva cristã. Para isso foi estabelecido um breve panorama histórico sobre a tatuagem e sua aplicabilidade. Seguimos analisando a tatuagem no contexto histórico dos cristãos coptas e observando a cultura local, para uma compreensão clara de seu uso inerente à confissão de fé. Após este tópico é lançada mão sobre a passagem bíblica do livro de Levítico 19:28, para uma breve análise do texto que por vezes surge como principal argumentação opositora à prática.

Palavras-chave: tatuagem, religião, coptas, cultura.

Abstract

This article seeks to make a review on the practice of tattooing, seeking a context under the christian perspective. For this was established a brief historical overview on the tattoo and their applicability. We are analyzing the tattoo in the historical context of coptic christians and observing the local culture, for a clear understanding of its use inherent in the confession of faith. After this topic is launched hand on the biblical passage from the book of Leviticus 19:28, for a brief review of the text that sometimes appears to be the main argument opposing the practice.

Keywords: tattoo, religion, copts, culture.

1. Introdução

Eu repudiava tatuagem! Fiz [uma] num momento de raiva e passei a gostar. (...) A flor dente de leão significa liberdade. Depois dessa, com menos de um mês, fiz três tattoo em um dia, duas para cobrir as cicatrizes de uma cirurgia e a outra para minhas filhas (ROSÂNGELA).

A tatuagem é, de modo geral, uma modalidade de modificação corporal de origem milenar. Alguns entendem que essa prática pode ser assimilada a do artesanato. O cliente compra a imagem que será gravada em sua pele, assim, o mesmo está interessado no resultado, que deve ser o mais próximo possível da imagem escolhida.

Antropologicamente, a tatuagem é um fenômeno cultural que está relacionado a forma como as pessoas se inserem em um ambiente e as relações específicas dessas pessoas como indivíduos que portam uma marca que as identifica. No âmbito sociológico a tatuagem é tida como uma marca que regula a interação de pessoas de uma dada sociedade, grupos, tribos e como se organizam seus adeptos em uma hierarquia própria.

Em termos psicológicos a tatuagem é quase sempre tratada analiticamente, isto é, uma abordagem que busca entender o significado das tatuagens para o tatuado e os que o observam, em suma, busca-se saber o que leva uma pessoa fazer uma tatuagem. A maioria dos estudos psicológicos se concentram na tatuagem como uma desordem psicológica, uma busca pela construção da personalidade, fetiche, ou mesmo a sujeição do tatuado ao tatuador (SAD, 2016).

Embora a tatuagem seja uma “vestimenta definitiva” e, quando alguém vai se tatuar, é comum ser alertado sobre os perigos de arrependimentos, uma vez que livrar-se dos traços sobre a pele é difícil, caro e doloroso. Todavia, “o aviso é inútil, pois o efeito que se quer produzir com a tatuagem é justamente o de ser um traço que não pode ser apagado ou ignorado” (CORSO e CORSO, 2014).

PAVEAU (2010), em sua pesquisa sobre a tatuagem como forma de “Enunciação Sem Comunicação”, diz que as tatuagens como escrituras corporais, grafemas na pele, constituem ao mesmo tempo um discurso do corpo e um discurso sobre o corpo. Por isso, é aceitável a compreensão de que o corpo humano pode ser usado para a produção do discurso na forma tradicional de comunicação “indexical”, isto é, “a existência de dois falantes, uma forma linguística e sua interpretação”. Destarte, a tatuagem escapa da subjetividade da linguagem e adquire de fato um poder, não objetivo, mas referencial. A

tatuagem escrita faz do corpo um suporte de discurso, levando-nos a crer que ele possua um produtor, um receptor, uma forma e uma interpretação. Dessa forma, a

corpografese¹ implica uma linha de continuidade entre as funções pensantes e falantes do espírito e a realidade do corpo e do ambiente exterior. Neste sentido, é um “instrumento”, (...) de negociação da relação do sujeito com o real biológico, material, social e cultural (PAVEAU, 2010).

Essa pesquisa busca fazer uma análise da tatuagem em um contexto cristão, mais especificamente, o cristianismo copta. Analisar suas origens e razões para o uso da tatuagem como uma forma de expressa, ou mesmo confessar sua fé.

Embora exista muitas discordâncias sobre essa forma e *práxis* religiosa em nossa sociedade ocidental, o fator histórico-cultural pode proporcionar um equilíbrio a esta discussão. A análise histórico-cultural mostrara-nos que essa prática, assim como muitas outras que surgiram no seio do cristianismo, seja do Ocidente ou Oriente, não surgiram sem uma razão histórica, a cultura e a política donde tal indivíduo ou religião estão inseridos.

Em outro momento lançaremos mãos do texto de Levítico 19:28, querendo entender o contexto histórico em que tal sentença foi anunciada e suas razões. A ciência de alguns detalhes possibilitará um entendimento melhor do contexto cultural que envolvia o povo hebreu na Terra da Canaã e Diáspora.

2. A história da tatuagem

“O primeiro homem, decerto, ao perder o pêlo, descobriu a tatuagem”
(RIO, 1908, p.19).

“Como uma forma de arte, a tatuagem é tão efêmera quanto a própria vida. Ela desaparece junto com a pessoa que a carrega”
(SCHIFFMACHER, *apud* DESIDÉRIO, 2016).

Definir um período ou época para a origem da tatuagem é uma tarefa deveras difícil. Entretanto, pode-se afirmar que a prática de marcar o corpo é tão antigo quanto a civilização, sendo que a mesma fora encontrada em múmias do período entre 2000 e

¹ Corpografese é um neologismo forjado a partir de *homographesis*, para nomear a escritura do corpo.

4000 a. C. Uma hipótese quanto a sua origem é a de que ela surgira de forma independente em muitas partes do globo (SAD, 2016).

Por séculos a tatuagem marcou a história da humanidade, sendo considerada uma das mais antigas formas de expressão corporal. Objetos que servem de modificações corporais, documentos, utensílios de várias civilizações e múmias são tesouros arqueológicos que podem auxiliar a compreensão histórica da tatuagem. Foram encontradas, juntas a instrumentos utilizados para a prática da tatuagem², esculturas e estatuetas do período Paleolítico (10.000 a 38.000 a. C.) com desenhos gravados em seus corpos; aqueles possivelmente representam tatuagens e outras marcas corporais (SAD, 2016).

De acordo com a mitologia polinésia, foi dos deuses que os seres humanos aprenderam a prática da tatuagem – compreensão está que deixa entender que a tal prática era divina. Os desenhos tinham representações que vão desde anúncio de prosperidade, possibilidade de encontrar um parceiro(a), a perspectivas de obtenção de sucesso nas batalhas.

Conforme observou Rodrigues, em determinadas sociedades a tatuagem incorporavam múltiplos significados desde marcar ritos religiosos a passagens por períodos difíceis da vida.

Na Índia e no Tibet, uma das intenções de ter a pele desenhada é dar força às pessoas nos períodos difíceis da vida, como puberdade e gravidez. Isso também ajudaria a superar doenças e desgraças (RODRIGUES, 2006, p.17).

O povo *Ainu*, habitantes do período neolítico no Japão (10.000 a 300 a.C.), tatuavam apenas as mulheres. Os desenhos tinham uma íntima ligação religiosa e estrutura social: uma tatuagem cheia era símbolo de status da mulher casada (DESIDÉRIO, 2016).

Os "*Pictus*", antigos habitantes do norte europeu, tinham o costume de fazer desenhos definitivos em seus corpos. Eles criam que a tatuagem lhes dava poder e força e que os desenhos ficavam impressos na alma, o que serviria como identificação de seus antepassados no pós-morte. Os guerreiros recebiam tatuagens por atos de bravura. As

² Ossos e dentes de animais que possivelmente seriam manipulados para inserção da tinta na pele e discos de argila para armazenamento da tinta.

linhas entrelaçadas dessas tatuagens, serviam para distrair o inimigo, além de representarem a interconexão de todas as coisas sobre a terra.

Exatamente por essa característica, eles passaram a se marcar voluntariamente, fazendo desenhos com espinhos e pigmentos naturais. Quanto mais desenhos, mais amedrontador seria o guerreiro (RODRIGUES, 2006, p. 15-16).

Os nativos das Filipinas, Indonésia e Nova Zelândia (maori), tatuavam-se em rituais ligados à religião.

Os exemplos mais antigos que temos de tatuagens em humanos vem de duas múmias: O chefe Pazyryk, descoberto em 1948, e Ötzi, "O Homem de Gelo", descoberto em 1991. A Múmia de Ötzi, descoberta na região dos Alpes, divisa entre a Itália e Áustria, exposta no Museu de Arqueologia de Tirol do Sul na Itália, viveu no período Neolítico (5.300 anos aproximadamente). Estudos e análises histológicas³ realizados nas partes tatuadas da Múmia de Ötzi⁴, indicam que estas podem estar associadas ao tratamento de dores por problemas ósseos (SAD, 2016).

A múmia do chefe Pazyryk⁵, de aproximadamente 2.500 anos, encontrada em 1948 na Sibéria, próximo à fronteira da China, estava congelada e repleta de elaboradas tatuagens que estão associadas a animais míticos como peixes, gatos, bodes e ovelhas. Acredita-se que estes símbolos provavelmente têm significados totêmicos.

No Egito Antigo 2160 a.C., existem registros de um ritual ligado à deusa mãe do espaço conhecida como Hathor, que tinha como sacerdotisa Amunet. Em 1891 o descobrimento da múmia de Amunet evidenciou, com suas tatuagens, uma conexão cultural relacionada ao culto da deusa da fertilidade. As tatuagens de Amunet foram colocadas nas coxas, braços e, de forma muito alusiva, abaixo do umbigo. Sabemos também que os egípcios tatuavam em seus corpos os nomes e símbolos de suas divindades.

TOLEDO (2015), em sua tese de Bacharel, assegura que “além de qualquer dúvida que no Egito a prática da tatuagem pode ser rastreada até o início do Império do Meio”

³ Ciência que estuda os tecidos do corpo humano.

⁴ Parte inferior da coluna, joelho e tornozelo direitos.

⁵ Povo nômade que viveu na Europa Oriental e na Ásia Ocidental por volta do século V a.C.

(cerca de 2.100 a 1.850 a.C.), e que essa “prática foi utilizada como tentativa de estabelecer uma linha histórica por quem desenvolveu interesse pelo assunto”⁶.

Na idade média o uso da tatuagem já estava marginalizado, devido à enorme influência cultural que o Império Romano sofria. Por sua agressão e profanação ao corpo, templo do Espírito Santo, no final do século VIII, o Papa Adriano I proibiu a prática da tatuagem, que passou a ser considerada um ato pagão.

Essa representação alcança seu auge na Idade Média quando vemos expressa análise iconográfica, a associação entre essas marcas corporais e as que designavam o herege, o judeu, a prostituta, o carrasco, o leproso, enfim, todos aqueles que se situavam à margem da prática cristã ou que podiam quebrar a representação corporal do imaginário da época como imagem e semelhança de Deus (COSTA, 2003, p.11).

No século XVIII, em viagens feitas às ilhas do oceano pacífico, onde os habitantes indígenas se marcavam, navegadores ingleses retomam a prática da tatuagem. James Cook, capitão da Marinha Real Britânica, descreve em seu relatório que se usava dentes de tubarão e um martelo para fazer as tatuagens. A partir de então a prática de marcar a pele adquiriu o nome que hoje conhecemos por tatuagem (a palavra tattoo, usada para designar tatuagem em inglês), representa a onomatopeia do som emitido pela técnica usada para se marcar.

Com uma concepção parecida a dos tempos remotos, os marinheiros passaram a se tatuarem em manifesto das suas memórias, medos e humor. Entretanto, a adoção da prática expandiu-se, e suas aplicações se tornaram mais abrangentes, atingindo a aristocracia e as classes marginalizadas.

Fora do círculo dos povos étnicos, a tatuagem ganhou espaço até entre a realeza. Há um desenho do príncipe Constantine, da Albânia, datado de aproximadamente 1870, que mostra seu peito, braços e rosto inteiramente tatuados. Três décadas mais tarde, com a onda tomando conta dos marinheiros ingleses, os sangues-azuis locais também aderiram ao costume. Mesmo assim, grande parte da sociedade de então relacionava o ato de se tatuar a marginalidade ou à homossexualidade, ideia que se manteve até bem pouco tempo atrás (RODRIGUES, 2006, p.18).

⁶ TOLEDO, Mizaél de. *“TATUAGEM UMA CONFISSÃO DE FÉ A HISTÓRIA E CULTURA DA TATUAGEM COPTA, E REJEIÇÃO NO OCIDENTE”*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito à obtenção do Título de Bacharel em Teologia. Tese não publicada.

No século XX a tatuagem passa a ser adotada por outros públicos. Nas décadas de 50 e 60 seus adeptos são membros de movimentos contra culturais, onde as pessoas passam a usar a tatuagem como identificação ideológica e adorno estético em oposição à cultura moderna e conservadora:

Ao longo da história da humanidade a tatuagem flutuou por várias castas sociais, carregando combinações infinitas de signos, que, dependendo da época transmitiam poder, cultura e realeza ou então caracterizavam marginalidade (RODRIGUES, 2006, p.15).

Nessa primeira etapa, observou-se que a tatuagem sempre fez parte da história humana, sendo encontrada em estatuas, esculturas e múmias. Entre muitos povos ela era uma dádiva dos deuses. Em outras sociedades ela foi proibida, como sendo uma prática *anátoma*. Para outros ela definia status sociais, representava bravura. Foi ainda usada para expressar os medos, lembranças e memórias de navegantes. Ela se faz presente nas mais vastas camadas sociais e meios religiosos. Tornou-se prática adotada para designar grupos específicos na sociedade. Embora não há um tempo certo para sua origem, a arte pré-histórica deixou vestígios sobre a tatuagem ao registrar para a posterioridade desenhos e estatuetas de figuras humanas exibindo pinturas nos corpos, uma evidencia dessa prática há centenas de milhares de anos (RODRIGUEZ, 2007).

3. Os cristãos coptas

Após o exílio babilônico, o número de judeus aumentou expressivamente em todas as regiões do Crescente Fértil (Mesopotâmia, Pérsia e Egito). No Egito chegou a ter dois templos: um na cidade de Elefantina, no séc. VII a.C., e outro no Delta do Nilo, séc. II a.C.⁷ Com a chegada e expansão do Império Romano, esta dispersão tornou-se ainda maior. No século I, as colônias judaicas em Roma e Alexandria eram significativamente numerosas ao ponto que em quase todas as cidades na região do Mediterrâneo oriental havia ao menos uma sinagoga.

⁷ Esse é o judaísmo conhecido como “da Diáspora”, em geral, não construíram templos onde podiam oferecer sacrifícios, mas sim sinagogas onde podiam se reunirem para ler as Escrituras.

Este cenário foi extremamente importante para a difusão e expansão do cristianismo e seu *kerygma*⁸. Outro fator preponderante para o rápido desenvolvimento do cristianismo foram as insatisfações religiosas, que cresciam tanto na Palestina, Egito, assim como nas demais regiões helenistas.

O objetivo era mostrar como Jesus podia ser importante para pessoas que viviam uma vida fora da Palestina, uma ou duas gerações depois da morte de Jesus. Esta primeira geração de cristãos por certo não sentia a necessidade de ter uma bibliografia exata de Jesus. Eles queriam saber como é que Jesus podia ter alguma coisa a dizer-lhes em sua situação fora da Palestina. (NOLAN, 1987, p. 24).

Embora o Novo Testamento não registre o final da vida dos apóstolos, nos primeiros séculos surgiram muitas tradições que afirmavam que tal apóstolo havia estado em determinado lugar. Muitas dessas tradições refletiam o desejo por parte de algumas igrejas de poderem afirmar sua origem apostólica, e algumas delas “[...] dignas de crédito e merecem ao menos que as conheçamos” (GONZÁLEZ, 2011, p.32).

Dentre aquelas tradições, está uma difundida no final do século II de que na cidade de Alexandria – uma das mais importantes cidades do Egito helenístico –, Marcos teria sido o primeiro a proferir a pregação cristã e, conseqüentemente, fundado a primeira igreja na região. Aqui surgiu, no século II, uma escola catequética que assumiu ampla relevância no período universal da igreja, por ter sido um centro de educação cristã; com participação fundamental nas discussões teológicas e na formação dos dogmas cristãos, adquirindo posição prestigiada logo nos primeiros séculos.

Com o passar dos anos os descendentes dos egípcios que se tornaram cristãos, formaram um grupo étnico-religioso chamado de "Remenkīmi en Ekhrīstianos" ou “cristão egípcio”⁹. Os que pertenciam a esse grupo adotaram um antigo idioma conhecido por “copta”, falado antes da expansão do império Romano. O copta era habitualmente usado por pessoas de origens simples como os camponeses e pobres, o que foi basilar para a difusão do cristianismo na região. A língua copta era uma característica fundamental que os diferenciavam dos frequentadores da escola de Alexandria, que na sua maioria falavam grego e/ou latim.

⁸ *Kerygma* (querigma) é o anúncio, pregação ou a proclamação que a Igreja, autores ou documento do Novo Testamento fazia sobre os atos, morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré. De início ele deu-se na forma oral, sendo posteriormente na forma escrita.

⁹ M. Ibrahim, Youssef (18 de abril de 1998). "U.S. Bill Has Egypt's Copts Squirming" New York Times.

Com a resolução do Concílio de Calcedônia em 451, onde ficou decidido que a pessoa de Jesus era constituída de duas naturezas: divina e humana, boa parte das igrejas fronteiriças do Império opuseram-se a tal doutrina. Assim, grande parte da população egípcia negou os termos do Concílio, devotando-se ainda mais à Igreja egípcia, sendo conhecidos como coptas monofisistas¹⁰.

Com a expansão das conquistas árabes, os cristãos ligados ao Patriarcado de Constantinopla receberam o nome de “melquitas”¹¹ (Igreja Ortodoxa de Alexandria), e os que romperam com Constantinopla permaneceram com o nome “copta” (Igreja Ortodoxa Copta). Esta divisão foi determinante na caracterização do cristianismo copta, uma vez que o termo passou a referir-se tanto à ascendência de seus temas quanto à religião, ou seja, a igreja Ortodoxa Copta.

Desde 575 – a despeito das divisões entre os monofisistas – existia um patriarca copta de Alexandria para rivalizar com seu correspondente de Constantinopla. Esse cristianismo monofisista espalhou-se ao reino da Núbia, Etiópia, Síria e Armênia.

Assim, as controvérsias sobre os concílios de Éfeso e Calcedônia haviam, no final, dividido as igrejas por todo o mundo mediterrâneo. Elas não apenas exacerbaram as tensões entre Ocidente e Oriente, Roma e Constantinopla. Elas também produziram (...) igrejas nacionais de confissão monofisista na Etiópia, Egito, Síria e Armênia. Seus efeitos na vida do movimento cristão têm continuado até o presente (WALKER, 2006, P. 213).

4. A marca dos coptas como representação social

No cristianismo, os cristãos sempre se reconheceram por meio de uma variada gama de sinais. Ainda cedo, surge o acróstico *ICHTHUS*¹² (*Iesous Christous Huiós Theós*, Jesus Cristo filho de Deus), que foi por muito tempo uma forma de se expressar a fé em tempos de perseguição, onde não se podia pronunciar o nome de Jesus Cristo

¹⁰ Os monofisitas têm suas raízes nas discussões sobre natureza de Jesus, que se estendem desde o Concílio de Niceia (325). Apolinário de Laodiceia já expressava preocupações com a crença bastante difundida de que Cristo assumiu a natureza humana em sua totalidade. Para ele, o Logos não desceu sobre um homem santo, como nos profetas. Antes, o próprio Cristo tornou-se carne sem assumir a mente humana. De igual forma, os monofisistas criam que a humanidade de Cristo fora absorvida pela divindade, ao ponto de que era errado falar de duas naturezas de Cristo como tal. Para muitos isso era uma heresia, uma vez que negar a natureza humana de Cristo era negar o sofrimento de Jesus na cruz. Está doutrina teve origem no Egito, se estendendo à Palestina e Síria.

¹¹ Isto é, “real, do imperador”, ou seja, a ala que estava ligada ao imperador, ao rei.

¹² *ICHTHUS* significa peixe em grego “ΙΧΘΥΣ”.

abertamente. Não menos significativo, temos o monograma *IHS* (*Iessus Hominum Salvatore*, Jesus Salvador dos Homens). Ainda nos tempos de Constantino, surge a lenda de sua adesão ao cristianismo. Reza lenda que, as vésperas da batalha na Ponte Múlvia, sobre o rio Tibre, Constantino teve uma visão ou sonho, no qual via as letras iniciais do nome Cristo, onde se escrevia: “Por este símbolo vencerás”. Crendo ser um bom presságio, pintou o “X” e o “P”¹³ nos escudos dos seus soldados. Com a vitória e seu retorno à Roma, o imperador considerou “o deus cristão como o protetor do império e patrocinador de sua própria reforma e construção” (WALKER, 2006, p. 151). A cruz sempre foi o símbolo máximo do cristianismo. Embora não podemos afirmar com certeza que esses símbolos aqui citados fossem tatuados, podemos afirmar que eles tinham uma enorme significância na vida cotidiana dos cristãos, aparecendo em muitas gravuras e nas artes cristã daquela época.

As perseguições religiosas nos primeiros séculos, foram fundamentais para a expansão e difusão do cristianismo. No Egito em 303, o imperador Diocleciano desempenha uma verdadeira perseguição aos cristãos na região dando início à era copta. A consolidação do Islã, sua expansão na Arábia Ocidental e os primeiros conflitos com os bizantinos, que foram derrotados em 634, levou os árabes a invadirem o Egito no ano de 639, por considerarem sua posição estratégica dentro do Império Bizantino.

A princípio, a política religiosa dos mulçumanos não pregava uma perseguição aos cristãos nem aos judeus por considerarem “povos do livro” (Alcorão), monoteístas como os mulçumanos. Em termos gerais, esta foi a política religiosa que os primeiros califas seguiram nas terras conquistadas, cristãos e judeus poderiam continuar no livre exercício de sua fé e cultos desde que respeitassem a Maomé e o Alcorão. Todavia, começaram as proibições, mulçumanos não poderiam converter-se ao cristianismo nem ao judaísmo. Limitações na expressão pública de culto e o aumento de taxas tributárias, que os cristãos e judeus tinham que pagar, a fonte de renda do Estado, contribuíram para a conversões de cristãos e judeus ao Islã e a expansão do árabe. Obviamente, isso levou os coptas à uma queda significativa, passando a serem alvos de perseguições religiosas¹⁴ (GONZÁLEZ, 2011, p. 304).

¹³ Letras gregas que formam o nome *Χριστους* (*Christous*, Cristo).

¹⁴ Leia sobre o efeito da destruição geral das igrejas e mosteiros em todo o Egito, o desligamento dos funcionários coptas civis, programas e editais humilhantes que reavivaram o Pacto de Omar, e coptas em: O Papado Copta no Egito Islâmico 641-1517, Mark N. Swanson (AUC Press; Cairo / New York; 2010. p 99).

É diante deste cenário de perseguição religiosa que surge a prática da tatuagem copta no Egito, que se estendeu aos cristãos coptas etíopes, sendo observada nas mulheres coptas nos sécs. XV e XVI¹⁵.

As tatuagens coptas são geralmente feitas por tatuadores experientes que normalmente têm suas tendas de tatuagem fora das igrejas e mosteiros, particularmente nos dias de festas coptas (mulid) do santo ao qual o lugar de culto é dedicado. O método de tatuagem usado a princípio era de várias agulhas amarradas e utilizadas manualmente pelo tatuador para picar a pele do tatuado no padrão desejado, e, em seguida, usando uma mistura de luz-negra, óleo ou água. No entanto, este método quase desapareceu e grande parte dos tatuadores faz o uso da máquina elétrica (MEINARDUS, 2002, p. 5-6).

Embora esta manifestação seja opcional e os coptas estejam cientes dos riscos que por séculos os ameaçam por sua confissão de fé, o ato de se tatuar é visto como um sinal de sua identidade étnica e confessional.

Tatuar uma cruz no pulso é, para a maioria das crianças coptas, algo comum. Os bebês são tatuados a pedido de seus pais, e muitos renovam suas tatuagens por vontade própria ao atingirem a idade escolar. A prática da tatuagem é observada tanto entre os coptas urbanos, como rurais. As famílias de alta posição social podem abster-se de usarem tatuagens, porém, dão aos seus filhos pingentes de ouro em formato de cruz.

A cruz tatuada é um lembrete visível da identidade da criança. No meio de estranhos, a criança pode ser reconhecida, para melhor ou pior, como um copta. A cruz é, normalmente, muito pequena (aproximadamente um cm por um cm), localizado no pulso perto da palma da mão direita. Assim, de acordo com as circunstâncias, dá à criança a opção de revelar ou esconde-la. Logo no início, as crianças aprendem que revelando sua identidade cristã pode ser problema e que – o que é valorizado dentro da família ou na igreja –, pode ser rejeitado na escola ou na sociedade em geral. No entanto, dentro de sua comunidade, a cruz tatuada é vista como um sinal de honra, como se pode notar no refrão de uma canção copta infantil: “Eu sou um cristão, um cristão, olhe, a tatuagem em minha mão” (STENE, 1997, p. 195).

Embora a tatuagem copta tenha como objetivo principal a confissão pública de fé e identidade étnica, ela ultrapassa o campo natural da confissão e adquire sentidos de proporções espirituais.

¹⁵ No século IV a Etiópia foi evangelizada por missionários egípcios.

Além disso, é preciso reconhecer que especialmente o copta, considera o sinal da cruz também como uma espécie de talismã, um dispositivo de proteção contra os maus espíritos e doenças. "Onde o selo é a cruz, a maldade de Satanás não tem poder para fazer mal", disse um dos primeiros pais. Quando St. Anthony fez o sinal da cruz, o diabo tremeu. Ao mesmo tempo, a tatuagem da cruz é muitas vezes vista como um lembrete permanente de certas bênçãos que foram recebidas, ou certos votos que foram feitos (MEINARDUS, 2002, p. 4-5).

Atualmente, esta prática parece estar em declínio nas áreas urbanas, mas meninos e meninas do interior ainda participam desta cultura copta. É evidente que a tatuagem da cruz para os coptas não se trata de um mero adorno, mas de algo que os descrevem étnica e religiosamente, dando-lhes uma identidade. Identidade esta que, mesmo diante de hostilidades e tentativas de coerção religiosa e social, os coptas continuam professando sua devoção e fé.

Nesta etapa observou-se que o ambiente de Diáspora judia e as perseguições, colaboraram para o rápido desenvolvimento do cristianismo. Notou-se ainda que os cristãos desde cedo fazem uso de muitos símbolos que expressam suas *práxis* de fé, símbolos estes que surgiram em situações de perigo a vida. Foi diante de um cenário de hostilidade, que os cristãos coptas começam a se tatuarem como forma de confissão de fé e identidade étnico-religiosa, que ganhou proporções espirituais. Das desavenças sobre as naturezas de Cristo, em especial no movimento monofisista, que não aceitou os termos do Concílio de Calcedônia, nasceu as igrejas coptas no Egito, Pérsia, Etiópia e Armênia. A tatuagem entre os cristãos coptas estabeleceu um conceito sobre sua cultura religiosa, dando-lhes um sentimento de ser diferente e uma lembrança do que os salvou como um grupo.

5. Tatuagem e religião

Tatuagem e religião são dois lados de uma mesma moeda. Entretanto, em algumas religiões ela é vista com suspeita, principalmente as de cunho monoteísta (judaísmo, cristianismo e islamismo). Como já foi observado, em 787, o Papa Adriano I proíbe a prática da tatuagem – aqui cabe uma reflexão: só se proíbe algo que está em relevância, ou seja, para que se viesse a ter que proibir algo, como sendo nefasto ou prejudicial, era porque haviam uma certa demanda que incomodava, o que nos leva a crer que os cristãos

podiam se tatuarem até a emissão. Essa proibição possivelmente queria resguardar os cristãos das práticas pagãs dos povos ditos “bárbaros”.

No islamismo alguns acreditam que o Profeta amaldiçoa quem se tatua. Entre os judeus, muitos não ortodoxos tatuam-se com símbolos judaicos. Os mais ortodoxos desaprovam a prática da tatuagem, pois, não basta a Torá (Escritura sagrada dos judeus) proibir que se faça marcas no corpo, foi com a tatuagem que se imprimiu humilhações aos judeus nos vários campos de concentração, em especial o de Auschwitz, durante a Segunda Guerra, onde inscreviam os números dos prisioneiros em seus antebraços (DISIDÉRIO, 2016).

Embora muitos descendentes dos judeus sobreviventes ao Holocausto tatuam os números que seus descendentes receberam, como uma forma de manter a memória viva, no entender de Avraham Milgram¹⁶, isso “demonstra uma falta de reflexão”, ainda que essa atitude “não é negativa, o jovem quer se identificar com o avô, mas acaba homenageando os nazistas e não o avô” (Apud DESIDÉRIO, 2016).

No entender de TOLEDO (2015), dentro de muitas igrejas evangélicas a prática da tatuagem tem tomado aspectos doutrinários, onde muitos munem-se de versos bíblicos e sistematizações teológicas com a finalidade de justificar essa contrariedade; em outras, a prática é urgida como requisito doutrinário. Ele observou ainda que essa discordância tem gerado atritos dentro de muitas comunidades evangélicas: de um lado existem pessoas que entendem a tatuagem como algo condenado por Deus e adquirem respaldo doutrinário da comunidade local, por outro lado, há aqueles indivíduos que enxergam a arte corporal como forma de expressar sua devoção a Deus. Em sua pesquisa, o entrevistado Anderson, tatuador cristão, que tem o nome Jesus tatuado acima da sobrancelha, disse: “Uma vez, uma moça me falou: ‘Ah, você pode morrer por causa dessa tatuagem’”. Já Mary, sua esposa, também tatuadora e body piercing, argumentou, a respeito de sua tatuagem “Yeshua”¹⁷ em seu peito, que “uma pessoa jamais imaginaria, ao olhar para mim, que sou cristã”¹⁸.

6. Levítico 19.28

*“Não farás nenhum corte com instrumento em tua carne pelos mortos,
nem imprimas marcas em ti; eu sou YHWH”.*

¹⁶ Historiador do Museu de História do Holocausto em Jerusalém.

¹⁷ Jesus em aramaico.

¹⁸ TOLEDO, Misael de. “TATUAGEM UMA CONFISSÃO DE FÉ A HISTÓRIA E CULTURA DA TATUAGEM COPTA, E A REJEIÇÃO NO OCIDENTE”. Tese não publicada.

Quero chamar a atenção para a leitura de Levítico 19.28 e seu contexto histórico-cultural. Essa análise lançará luzes sobre os fatos ali existentes, dando-nos uma compreensão cultural e história. O entendimento de alguns detalhes que não estão elucidados no texto de Levítico 19:28, possibilitará um entendimento melhor do contexto histórico-cultural que vivia o povo hebreu. Desde já reconheço a amplitude de tal discussão, deter-me-ei a estabelecer uma linha histórica para possibilitar um equilíbrio.

O texto de Levítico 19.28 integra um conjunto de normas *apodíticas* conhecidas por “Código de Santidade”, outorgadas por YHWH¹⁹ ao povo de Israel para criar uma distinção entre eles e os povos vizinhos. O cumprimento dessas leis e demais ritos, era essencial para que outros povos soubessem que Israel era o povo de YHWH. O destaque maior dessa seção é dado a exclusão de ritos e práticas associados com a religião cananeia, em especial aquelas práticas que deformavam física ou moralmente.

Segundo HAMILTON (2010), aquelas normas não eram essencialmente reações contra as práticas dos vizinhos de Israel. O raciocínio por trás desses princípios morais não é a penas uma reação a um estilo de vida partilhado pelos hebreus, essas práticas eram proibidas por derivarem de uma cosmovisão alheia aos hebreus. A prática de ferir ou marcar o corpo em nome de uma divindade era bastante disseminada entre os vizinhos de Israel. A cosmovisão hebreia, que tinha em alta a excelência do corpo como parte da criação de YHWH, desaprovava tais práticas.

Muitos escravos costumavam imprimir em seus corpos as iniciais de seus mestres, os hebreus entendiam que eles não tinham mais senhores e nem mestres, pois haviam sido libertos por YHWH da escravidão egípcia. Os soldados costumavam imprimir as de seus generais e o adorador a imagem de suas divindades tutelares. Entretanto, os hebreus estavam, por força de suas *práxis* religiosas, proibidos de fazerem para si ou em si, imagens de divindades ou qualquer ato que venha denegrir seu corpo dessas, nem mesmo para YHWH (cf. Êx. 20ss). Para o povo hebreu, o corpo tinha a marca da *imago Dei* e, para exibir o emblema de seu credo, a lei mosaica promulgou que o sacerdote deveria ter filactérios que ele deve ligar como "um sinal" em sua mão, e como "um memorial" entre os olhos "que o Senhor" (Êx. 13:16 ; Dt. 6: 8 ; Dt.11:18).

Faley afirma que estas proibições tinham como base os perigos surgidos pelas práticas religiosas dos vizinhos de Israel, dentre os quais

¹⁹ Tetragrama que dá origem a palavra “Yahweh”, que dizemos ser, mesmo que imprecisamente, o nome do Deus de Israel.

os costumes cananeus do luto – corte dos cabelos, lacerações no corpo, tatuagem, provavelmente vistos como um meio de expulsar o espírito mediante a mudança de aparência, evitando o reconhecimento (FALEY, 2007, p.185).

Gordon vai dizer que o ato de cortar, lacerar

o corpo era uma característica da adoração a Melqart (Baal no AT), diversas explicações dessa automutilação têm sido propostas: prover sangue para um espírito que partiu, tornar lamentadores irreconhecíveis aos espíritos que partiram, afastar e expulsar os espíritos por meio da força da vida presente no sangue, e outras mais (GORDON, 2008, p. 284).

Não farás nenhum corte com instrumento em tua carne, nem imprimais marcas em ti pelos mortos; eu sou o YHWH. Ao observar o texto com cuidado, fica notável presença do que se conhece por paralelismo sinonímico. O paralelismo sinonímico, embora apareça com maior frequência nos textos poéticos hebreus – não só na poesia hebraica, como em muitos outros textos poéticos do Oriente Próximo – ele também é notável nos textos históricos, proféticos e legais, como é o exemplo do que estamos a analisar.

No paralelismo sinonímico o autor faz uso de palavras diferentes, mas que expressam a mesma ideia. Vejamos: no texto em análise temos dois verbos (*fazer*, *imprimir*), que expressam a mesma ideia. Assim, *fazer* pode ser o mesmo que *imprimir*, e *imprimir* o mesmo que *fazer*. Quando trocamos as sentenças não há mudança no significado da frase. Observemos: Não *imprimais* nenhuma *marca* na tua carne pelos mortos, nem *farás* nenhum *corte* com instrumento em ti. Ainda se pode ver que as palavras “*carne*” e “*ti*”, querem expressar a mesma ideia: não marcar o *corpo* em forma de luto.

Dois termos hebraico, שֶׁרֵט (*šeret*)²⁰ que pode ser traduzido por incisão, lacerações, corte com instrumentos, ou com estacas, e קִעָּץ (*qa'āqa'*)²¹, que pode ser traduzido por marca, incisão, corte ou tatuagem, formam uma paralelo sinonímico que

²⁰ Das 27 edições consultadas, 5 traduzem a palavra שֶׁרֵט (*šeret*) por “corte”, 7 por “cortes”, 1 por “cortem”, 4 por “incisão”, 1 por “cortareis”, 2 por “lacerações”, 3 por “recorte”, 2 por “incisões”, 1 por “estacas” e 1 por “cortar”.

²¹ Das 27 edições que foram consultadas, 8 traduzem a palavra קִעָּץ (*qa'āqa'*), por “tatuagem”, 3 por “tatuagens”, 4 por “marca”, 9 por “marcas”, 1 por “tatuár”, 1 por “tatuará” e 1 por “tatuár-se”.

exprimem a mesma ideia, não ferir, cortar, marcar o corpo por um defunto. Essa proibição não era apenas para a comunidade, mas para os sacerdotes também (cf. Levítico 21.5).

A palavra “*marca*” possui ainda uma definição relacionada a sinal ou distintivo que por qualquer forma se imprime num corpo. Tal definição é semelhante à de se tatuar, que é o procedimento de introduzir debaixo da epiderme substâncias corantes, vegetais ou minerais, para apresentar na pele desenhos ou pinturas. Todavia, a similaridade não apresenta motivos para associar os significados, pois o texto é bem específico em relação à marca ou incisão proibida.

A princípio, o autor determina uma situação específica para essa proibição, que só existirá se as situações estiverem relacionadas com o estabelecido na lei; isto é, as incisões ou marcas só serão proibidas quando forem feitas pelos ou em memória aos mortos, ou a uma divindade, pois se tratava de práticas escusas a lei hebreia, e pertencente a outros povos.

Alguns associam a prática de marcar o corpo com o texto de I Rs 18.28, tendo em vista que os profetas de Baal e de Azera cortavam e mutilavam-se segundo seu costume. Outros rebatem essa tese entendendo que, no texto em que questão, os sacerdotes de Baal e Azera não estavam realizando rituais de luto.

O texto de Levítico parece ser bem específico, fazendo menção direta ao mandamento contido em Deuteronômio, onde se proíbe a participação em rituais pelos mortos.

Sois filhos de YHWH, vosso Deus. Nunca vos marcareis com uma incisão ou tonsura entre os vossos olhos por causa de um morto. [Em seguida o texto esclarece as razões da tal proibição] Tu és um povo consagrado a YHWH teu Deus: foi a ti que YHWH escolheu para que pertenças a ele como povo próprio, dentre todos os povos que existem sobre a face da terra (Deuteronômio 14. 1,2).

Pelo texto acima citado, fica claro que a proibição – assim como quase todas as demais proibições outorgadas aos hebreus – tinha por objetivo fazer uma distinção entre as tribos de Israel e os demais “povos que existem sobre a face da terra”. O que demonstra a especificidade daquele mandamento lá em Levítico 19.28. Deste modo, conclui-se que a proibição não era necessária por causa da marca ou incisão em si, mas pela participação de Israel em um culto ou adoração a uma divindade pagãs.

Em nossa análise do texto de Levítico 19.28, foi demonstrado que este se caracteriza pela sua forma de linguagem, o paralelismo sinonímico, recurso esse que o autor usa para expressar uma mesma ideia com palavras diferentes. Ficou entendido ainda que o texto em questão não quer a proibição da tatuagem si, pois é possível que aquele não faça menção a está como a conhecemos hoje em dia. Naquele contexto, o ato de marca o corpo, seja ferindo ou colorindo, diz respeito a questões fúnebres. Ao proibir tal prática, quer-se manter a distinção do povo “escolhido” dos demais povos ou cultura em que os receptores daquele texto se achavam. Assim, quer evitar as práticas e atos culturais e religiosos de outros povos que não condiz com a cosmovisão do povo hebreu.

7. Considerações

À guisa das considerações finais, observou-se, na etapa inicial, que a tatuagem sempre fez parte da história humana, sendo encontrada em estatuas, esculturas e múmias muito antigas. Vimos que para muitos povos ela era uma dádiva dos deuses, entretanto, em outras sociedades ela foi proibida, como sendo uma prática *anátema*. Para outros ela definia status sociais, coloria o corpo do bravo guerreiro. Foi ainda usada para expressar os medos, lembranças e memórias de navegantes. Ela se faz presente nas mais vastas camadas sociais e meios religiosos, tornando-se uma prática adotada para designar grupos específicos na sociedade.

Vimos como a Diáspora judia e as perseguições contribuíram para o rápido desenvolvimento do cristianismo, que os cristãos desde cedo expressam suas *práxis* de fé por meio de símbolos que sempre surgem em situações adversas. Foi das questões ligadas a natureza do Cristo que viria nascer as igrejas coptas no Egito, expandindo-se para Pérsia, Etiópia e Armênia.

Diante da hostilidade, os cristãos coptas começam a se tatuarem como forma de confissão de fé e identidade étnico-religiosa, ganhando proporções espirituais. A tatuagem entre os coptas estabeleceu um conceito sobre sua cultura religiosa, dando-lhes um sentimento de serem diferentes e uma lembrança do que os salvou como um grupo.

Em nossa abordagem sobre a tatuagem e religião, notou-se que, embora ambas sempre estiveram juntas em muitas religiões, nas religiões de caráter monoteísta essa prática não foi bem quista. Sendo proibida por meio do Papa Adriano I, por ser uma arte pertencente aos bárbaros; hora por ameaças de maldições por meio do Profeta; e outros

por meio de lembranças das humilhações sofridas nos campos de concentração no episódio mais horrendo da história da humanidade, a Segunda Guerra Mundial.

Nas comunidades evangélicas, a prática da tatuagem é dúbia: de um lado existem os que entendem que esse ato é condenado por Deus e adquirem respaldos doutrinários da comunidade em que está inserido para justificar sua contrariedade. Por outro lado, tem os que não veem mal em se ter uma tatuagem e entendem a arte corporal como uma forma de expressar sua devoção a Deus.

Entretanto, muitas dessas questões podem ser amenizadas com uma interpretação que busque entender o meio sócio-histórico-cultural de um dos textos mais utilizados pelos que querem justificar sua contrariedade a prática da tatuagem, Levítico 19.28. Nossa abordagem mostrou que, o texto em questão não quer a proibição da tatuagem si, pois o contexto diz respeito a questões fúnebres. Assim, o que se quer é evitar as práticas e atos culturais e religiosos de outros povos que não condiz com a cosmovisão do povo hebreu.

8. Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Rosângela por ter contribuído com suas experiências para e ter permitido o uso delas nesse trabalho, ao Misael de Toledo que permitiu uso de seu T.C.C., que foi ricamente útil para realização dessa pesquisa, a doutora Janaína Gonçalves que leu e fez excelentes contribuições que foram muito úteis a organização desse trabalho, aos que leram e deram suas dicas e opiniões de mudanças e correções. Por fim, ao Mestre/Messias Jesus de Nazaré, que andou nessa terra e nos deixou seus ensinamentos que moldaram e moldam a nossa cultura e sociedade, dando-nos sempre esperança.

BIBLIOGRAFIA

- ARAUJO, Leusa. *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo*, São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- A BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 9ª reimp. 2013.
- A BÍBLIA N. V. I. São Paulo: Geográfica, 2ª ed. 2000.
- BLIBLEHUB. Disponível em <<http://biblehub.com>>. Acessado em 18/07/2018
- BRUCE. F.F et al. *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento* / editor geral F. F. Bruce; tradução Valdemar Kroger. – São Paulo: Editora Vida, 2008.
- CAPASSO, L. *A preliminary report on the tattoos of the Val Senales mummy*. J Paleopathology 1993.
- CARSON, D.A et al. *Comentário bíblico vida nova*. São Paulo: Vida Nova. 2009.
- CHARLES F. Pfeiffer; EVERETT F. Harisson. *Comentário Bíblico Moody* - volume 1 e 2: Gênesis à Malaquias, Mateus à Apocalipse. 1ª impressão. São Paulo: Editora Batista Regular, 2010.
- Comentário de Ellicott para leitores ingleses*. Disponível em <<http://biblehub.com/commentaries/ellicott/leviticus/19.htm>>. Acessado em 17/07/2018.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. “Corpos ilustrados e enfeitados: tatuagens e marcas corporais”. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, Porto Alegre/RS, v. 16, n. 1, pp 139-150, abril 2014.
- COSTA, Ana. *Tatuagem e marcas corporais: atualizações do sagrado* / Ana Costa – São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.
- DESIDÉRIO, Karla Pedatela. *A tatuagem em seu contexto patrimonial*. Goiânia (Brasil), 2016. Monografia apresentada como Conclusão de Curso, do Curso de Museologia – Bacharelado, da Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás.
- HAMILTON, Victor P. *Manual do Pentateuco*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- HAMBLY, W.D. *The history of tattooing and its significance*. London: H.F. & G Witherby, 1925.
- JUSTO L. González. *História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2011.
- LEVITICUS. Disponível em <<http://biblehub.com/interlinear/leviticus/19-28.htm>>. Acessado em 17/07/18.

- MCGRATH, Alister E. *Teologia histórica: uma introdução à história do pensamento cristão*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.
- MEINARDUS, O. F. August. *Two Thousand Years of Coptic Christianity*. First paperback edition. - Cairo: American University in Cairo Press Series, 2002.
- BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Trad. Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2007.
- NOVO MILENIO. *Histórias e lendas de Santos – Personagens*, 30 out 2007. Disponível em. < <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0299m.htm>>. Acessado em: 17/07/2018.
- PAVEAU, Marie-Anne. “Uma enunciação sem comunicação: As tatuagens escriturais”. *Revista Rua*, Campinas, n. 16, v. 1, pp 5-41, junho 2010.
- REIS, Mariana dos. *Cristianismo e tatuagem* - 14 out 2013. Disponível em. < <http://www.tattootatuagem.com.br/author/mariana/>>. Acessado em: 07/05/2018.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*: reunião de uma série de crônicas publicadas no jornal Gazeta de notícias, 1908.
- RODRIGUES, Apoenan. *Tatuagens: Dor, Prazer, Moda e muita vaidade*; coordenação de texto Jorge J. Okubaro. – 1. Ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome: Mostarda Editora, 2006.
- SAD, Breno Bitarello. *A tatuagem como processo*. São Paulo (Brasil) 12/02/2016. Tese de Doutorado em Educação, Arte e História da cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- STENE, Nora. *Becoming a Copt: The Integration of Coptic Children into the Church Community*. In *Between Desert and City: The Coptic Orthodox Church Today*. Ed. Nelly van Doorn-Harder and Kari Vogt. Oslo: Novus forlag, 1997.
- WALKER, Wiliston. *História da igreja cristã*. 3. ed. Trad. Paulo D. Siepierski. São Paulo: Aste, 2006.
- YOUSSEF, M. Ibrahim, "U.S. Bill Has Egypt's Copts Squirring" *New York Times*. – 12 abril 1998. Disponível em. < <http://www.nytimes.com/1998/04/12/world/us-bill-has-egypt-s-copts-squirring.html>> Acessado em 17/07/2018.